

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: O PAPEL DA ESCOLA NO SEU ENFRENTAMENTO

Adarita Souza da Silva, Camila Gonçalves de Jesus, Daniele de Jesus Gomes, Eugenia Andrade Fiúza, Laís Alcântara Rios Lima e Marlise Andrade de Araújo*

Resumo: *O objetivo deste artigo é abordar o tema gravidez na adolescência, assunto preocupante em nossa sociedade, que, apesar das campanhas através dos meios de comunicação e dos debates entre profissionais da área, ainda é expressivo o índice de gravidez na adolescência no Brasil. A adolescência é uma etapa da vida em que o indivíduo passa por diversas mudanças (mental, física, hormonais, etc), além dos conflitos que perpassam esse período. A própria sociedade contribui na geração destes conflitos, pois, ao exigir deles uma postura adulta, considera-os incapazes de tomar certas atitudes e decisões. Assim, a educação sexual dada ao sujeito desde o seu nascimento pode ser uma educação que venha satisfazer suas inquietações, orientando-o nos aspectos que norteiam a sexualidade, como também uma educação repressiva, que impõe valores morais, que intimida o sujeito, coibindo-o de demonstrar suas dúvidas e/ou curiosidades, desejos e ansiedades. Nesse sentido, tanto a falta de informação quanto a falta de espaços de formação, reflexão e construção sobre as informações e valores podem gerar vários problemas, dentre eles a gravidez na adolescência. Buscando aprofundar um pouco sobre este problema, o artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: primeiramente, busca-se compreender o período da adolescência: as mudanças corporais e comportamentais, as relações pais e filhos, a formação de grupos e outros aspectos que caracterizam a adolescência; posteriormente, procura-se entender as dimensões da gravidez na adolescência: suas causas e conseqüências. Finalmente, propõe-se uma educação sexual necessária que vise informar, formar e orientar o aluno nos aspectos relacionados à sua sexualidade.*

Palavras-chave: Sexualidade; Gravidez na adolescência; Educação sexual

ADOLESCÊNCIA – características gerais

A adolescência é o período da vida marcado por mudanças biológicas, psicológicas e sociológicas. Biológicas, por estarem relacionadas à maturação sexual, a partir da qual o sujeito tende a estar apto à reprodução. Essa maturação se expressa nas mudanças corporais, as quais referem-se ao desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários. Os caracteres primários dizem respeito aos órgãos reprodutores do homem -os testículos- e da mulher – os ovários. Os caracteres secundários são aqueles que “marcam as diferenças de constituição e conduta de um e outro sexo, excluídos os órgãos genitais” (DORIN, 1978, p.54). Tais caracteres dependem da ação hormonal, a qual estimulará o desenvolvimento dos seios, ombros estreitos, quadris largos e surgimento das menstruações na menina, além do aparecimento dos pêlos (meninas e meninos), e nos meninos, o engrossamento da voz, ombros largos e quadris estreitos. Vale ressaltar que essas mudanças corporais ocorrem na puberdade, a qual constitui o período inicial da adolescência.

As mudanças psicológicas estão relacionadas à forma como o pensamento do sujeito torna-se mais complexo, mais estruturado (lógico), além da carga emocional provocada pela necessidade de adaptação às mudanças biológicas e sociológicas. Nesse sentido, Carretero e Cascón afirmam que:

Os adolescentes atingem um nível novo e superior de pensamento, que vai lhes permitir conceber os fenômenos de maneira diferente de como o faziam até

* Acadêmicas do Curso de Pedagogia da UEFS. Orientadora: Professora Sandra Regina Soares.

então. Esse pensamento, caracterizado por uma maior autonomia e rigor em seu raciocínio, foi denominado, na tradição piagetiana, pensamento formal, e representa a fase do mesmo nome, a fase das operações formais. (1995, p. 273)

Desse modo, na adolescência, o sujeito é capaz de pensar de maneira mais objetiva e imediata, com a utilização de conceitos abstratos.

As mudanças sociológicas referem-se ao modo como a sociedade passa a ver o adolescente: ao mesmo tempo em que o vê apto a tomar certas decisões, ela também o priva de certas atitudes. A sociedade, apesar de notar que o sujeito está fisicamente e psicologicamente adulto, não admite que ele possa exercer diversos papéis de adulto. Isso se verifica, sobretudo, pelo prolongamento da escolaridade e da dependência econômica dos pais, principalmente de classe média, a consideração de que ele é imaturo para iniciar uma vida sexual e ter responsabilidades sociais, dentre outros aspectos. Esses aspectos exercem uma grande influência na formação da identidade do adolescente, pois, ao ser considerado não-apto para exercer atividades de adulto, o adolescente vê-se em dificuldades porque, para conseguir o status de adulto, de alguma forma ele precisa desempenhar esses papéis que lhes são negados.

Sem dar lugar a dúvidas, esse prolongamento artificial de um estado social infantil (dependência dos pais, assistência prolongada aos centros educativos, etc) pouco ajuda os adolescentes, que têm, como uma de suas metas fundamentais, o desenvolvimento de uma nova identidade (...). Não se atinge essa nova identidade, a não ser desempenhando novos papéis e adquirindo o estatuto social do sujeito adulto. (PALÁCIOS, 1995, P.269).

Assim, a sociedade (família, escola, amigos, etc.) acaba por se tornar uma agente que, ao mesmo tempo em que incentiva, também impõe barreiras na construção da identidade do adolescente.

Essa busca da identidade tem como marco a busca de separação de seus pais, no sentido de tornar-se mais independente e procurar meio de se auto-sustentar. Essa separação acontece também quando o sujeito começa a comparar os valores passados pela família e aqueles pregados pela sociedade. Convém ressaltar que isso não ocorre da mesma forma com todos os adolescentes, mas uma boa parte deles apresenta essas características.

Com a separação progressiva dos pais, existe uma forte tendência dos adolescentes formarem grupos, e, por conseguinte, transferirem a dependência assim como a confiança para esses grupos. Estes geralmente possuem normas próprias (ilícitas ou não) e são elas que regem a convivência entre os membros destes grupos.

Ainda com relação à discussão da construção da identidade, pode-se fazer menção à constante flutuação do humor e do estado de ânimo e sobre a atitude social contestatória do adolescente (TIBA, 1994), lembrando sempre que tais características não são atribuídas a todos os adolescentes, mas para alguns elas são bem evidentes, enquanto que em outros elas não se manifestam com tanta intensidade.

A alteração de humor e a atitude contestatória podem ser verificadas a partir do momento em que o menino e a menina vão notando que seus corpos estão mudando (estão ficando adultos!) e vão percebendo que podem se portar como pessoas adultas. Quando sentem necessidade de tornarem-se independentes (separação dos pais) e encontram no grupo de amigos o apoio na tomada de certas atitudes, defronta-se com a visão que a sociedade tem sobre eles. Agora, seu modo de pensar (agora mais complexo), permite que possam enxergar a realidade de forma mais crítica e reflexiva. Nem tudo que parecia tão verdadeiro tem para o adolescente a mesma conotação. Percebe-se então como um ser de direitos e que para merecer tais direitos é preciso lutar para tal. Contudo, é possível que muitos adolescentes vivam momentos de retração, rejeição, melancolia. Os fatores para esses momentos podem ter várias origens: família,

sociedade em geral, as transformações físicas. Enfim, o humor do adolescente é uma incógnita para quem não compreende o período que este sujeito encontra-se.

(...) o jovem se sente dono da verdade, capaz de qualquer proeza. (...) Questiona tudo o que lhe pedem, até porque, do seu o ponto de vista, não lhe fazem o que considera seu direito. (...) Da mesma forma, o onipotente juvenil vive momentos de retração numa intensidade diametralmente oposta, como se fosse a face da mesma moeda. Nesse estado, ele sofre interiormente e pouco demonstra para as pessoas, principalmente seus próprios pais. (TIBA, 1994, p.89-90).

Outro aspecto que caracteriza o sujeito na adolescência é o despertar de sua sexualidade, ou melhor, a sexualidade antes manifestada nas fases oral, anal e fálica, agora ganha o sentido genital, como evidenciou Freud. No momento em que seus corpos vão se modificando, devido à liberação dos hormônios, o adolescente e a adolescente vão experimentando sensações e sentimentos que até então não possuíam.

As meninas sentem-se excitadas e a busca por esse prazer ocorre muitas vezes através da masturbação.

Às vezes é pelo próprio toque no banho, na higiene. Outras vezes até vai pesquisar e mexer. (...) Tanto que a masturbação nas meninas é um roçar constante ou estímulos alternados de apertada e solta, pega e solta, ou esfrega, ou rola, cada uma inventa um jeito. (TIBA, 1994, p. 64)

Nos meninos ocorre a mesma coisa. Ele também passa a buscar o prazer sexual através da masturbação, na qual procura excitar o seu corpo manipulando os órgãos genitais e assim satisfazem o desejo que emerge de seu ser.

Mais tarde, a busca pelo prazer será encontrada no relacionamento com o outro. É a partir daí que começam os romances, os namoros. Vale ressaltar que esse momento envolve ou não sentimento, o que podemos chamar de “ficar” nos tempos mais modernos. Enfim, o despertar da sexualidade na adolescência tem o seu ápice quando há o envolvimento de duas pessoas que sentem prazer em estar uma com a outra.

O sexo, a relação sexual, é o assunto mais discutido e comentado nos grupos de amigas e amigos. A curiosidade em torno do sexo aumenta à medida que a idade vai avançando. O adolescente pode ter uma curiosidade ainda maior em comparação à adolescente. Isto se deve à preocupação que se tem em torno de sua própria sexualidade, à questão de “ser homem”. A adolescente, embora tenha a sua curiosidade, não a expressa com a mesma intensidade que ocorre no sexo oposto. Geralmente isso acontece pelo medo que possui com relação à virgindade, à própria cultura social machista sobre a sexualidade da adolescente, que começa com a educação que recebe no seio familiar e a sua manutenção na escola e outros ambientes sociais.

Outro elemento presente na construção da identidade sexual é a sua orientação: hetero ou homossexual. Os meninos, sob a pressão de uma sociedade extremamente machista, inquietam-se com a possibilidade de virem a sentir prazer sexual com sujeitos do mesmo sexo. Por isso, pode-se explicar aquela curiosidade incessante de ter logo um relacionamento sexual para testarem a sua sexualidade. Essas inquietações têm sua origem na educação que tiveram de seus pais. Estes, em sua maioria, preocupados com a opção sexual que seus filhos futuramente venham a firmar ou “assumir”, iniciam desde o seu nascimento uma educação totalmente voltada ao papel (homem ou mulher) sexual que devem expressar, tal como são concebidos por esta sociedade. Assim, a menina é preparada para ser submissa: seus brinquedos são bonecas e miniaturas de utensílios e eletrodomésticos. O menino é educado para ser forte e seus brinquedos

são os carrinhos, a bola, dentre outros. Não é permitido que ele brinque com bonecas para que não possa influenciar em sua identidade sexual.

Tudo isso gera uma pressão e até mesmo traumas nos meninos e meninas, os quais só serão percebidos quando estiverem numa idade mais avançada. Dessa forma, conceitos e preconceitos impostos pelos pais e sociedade durante a infância poderão ter sua repercussão quando estiverem na adolescência, como por exemplo, a homofobia e as discriminações sofridas para os indivíduos homossexuais, os quais sentem dificuldades em assumirem sua opção sexual por terem determinada preferência sexual.

Nesse sentido, ao destacar o preconceito existente com relação ao homossexual masculino, Tiba afirma que:

(...) muitos homens adultos permanecem intolerantes com os homossexuais mesmo depois de adultos. Nesse caso, ou a opção sexual não foi totalmente resolvida ou há o temor de que, ao ser visto conversando com um *gay*, possa ser confundido com um deles. (1994, p.119)

Todas as características destacadas, que perpassam a trajetória do adolescente, estão intimamente relacionadas à questão da auto-estima. Desde o momento em que o corpo vai mudando até a preocupação com sua sexualidade (ato sexual), o adolescente pode apresentar momentos de baixa-estima ou auto-estima. Desse modo, a preocupação com a aparência física, a aceitação ou não do outro, relacionamento com os pais, o modo como a sociedade concebe o adolescente, a identidade sexual, são fatores que podem ter sua carga positiva ou negativa na auto-estima do sujeito. O indivíduo que se encontra na adolescência geralmente está mais vulnerável a sofrer alterações ao modo como se percebe, se avalia. Portanto, a adolescência pode ser mais ou menos conflituosa, pois depende da própria história do indivíduo, suas relações afetivas na família e na escola, sua maturação intelectual, logo a chamada crise da adolescência não é vivida de modo semelhante por todos os indivíduos. Nas classes populares esta transição (da adolescência para a fase adulta) é breve e muitas vezes quase inexistente, pois a luta pela sobrevivência, rapidamente, os coloca no lugar de adultos.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: causas e conseqüências

Como já foi colocado anteriormente, a gravidez na adolescência ainda é um dos problemas mais preocupantes, principalmente na sociedade brasileira. A cada dia que passa aumentam os casos de meninas que engravidam cada vez mais cedo. Vale destacar que ao se falar de gravidez precoce, precisa-se levar em consideração a sociedade e, conseqüentemente, a cultura da qual a adolescente faz parte, ou seja, em determinadas culturas é muito comum jovens de 13-15 anos engravidarem. O que possibilita isso é a chegada da menarca (primeira menstruação), a qual demarca o momento em que a menina se torna mulher, e que por isso é preciso unir-se a um homem e, assim, ter relações sexuais e gerar filhos. Contudo, voltando à nossa sociedade, a chegada da menarca não indica que a menina já esteja pronta para começar sua vida sexual (embora seu corpo esteja preparado para conceber um filho). Isso vai depender de outros fatores: *psicológico*, embora biologicamente preparada para a procriação, deve-se levar em consideração sua maturidade psicológica, seu jeito de pensar, seus sentimentos com relação às mudanças que vêm ocorrendo; *social*, o qual impõe à jovem aquela educação repressiva, impondo comportamentos que a façam ser subordinada, dependente. A educação do jovem geralmente é bem diferente daquela dispensada à jovem. Nesse sentido, Oliveira, citando Romero diz que:

Nessa construção, valores e expectativas dos pais determinam quais atitudes são adequadas ou não para a menina. Resumidamente, essas expectativas são de que “os homens sejam fortes, independentes, agressivos, competitivos e dominantes. Para as mulheres, a expectativa é de que sejam mais dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam impulsos agressivos e sexuais” (Romero 1995, p. 243, apud Oliveira 1998, p. 59).

A ocorrência da gravidez na adolescência pode estar associada à causas diversas. A ausência de informação por parte dos pais é uma delas. Geralmente os pais, por não saber como iniciar um diálogo sobre sexualidade, não informam às suas filhas sobre a prevenção de gravidez. Contudo, há aqueles pais que simplesmente estão preocupados com o fato de suas filhas estarem ou não com a vida sexual ativa, que terminam por dar orientações sob a forma de avisos e ameaças, que giram em torno da perda da virgindade, da ameaça da gravidez, da não aceitação da filha caso ocorra a gravidez. Pode-se constatar que não há preocupação com relação à prevenção de doenças.

A falta de informações sobre o próprio ciclo reprodutivo, não conhecer o próprio corpo, as transformações que há muito vêm ocorrendo, são outras das principais causas de uma gravidez precoce. Muitas adolescentes que engravidam admitem que numa primeira relação sexual é impossível a ocorrência de uma gravidez. É o chamado “pensamento mágico”, presente na adolescente que apresenta certo pensamento infantil e que não obteve orientação a respeito das mudanças no seu corpo.

O uso inadequado dos métodos contraceptivos está diretamente relacionado às causas anteriormente citadas. As dificuldades encontradas pela adolescente na obtenção de informações impedem que se conheçam quais os melhores meios para prevenir uma gravidez e as doenças, e como conseguir acesso a eles.

Entretanto, inúmeras são as evidências de que a informação adequada sobre o seu próprio corpo, sobre seu ciclo reprodutivo, sobre o uso dos métodos contraceptivos não são suficientes para evitar a gravidez na adolescência. A adolescente que não construiu uma razoável auto-estima nas relações familiares e na escola, que não aprendeu nestas relações a se sentir importante, a formular opiniões próprias, a desenvolver sua autonomia tanto intelectual quanto moral, estará mais propícia a ceder à pressão do adolescente e dos grupos de amigos, que tendem a colocar a garota que não iniciou a vida sexual como “careta”, “babaca”. O mesmo vale para os adolescentes, se têm uma auto-estima adequada, tendem a respeitar e valorizar as necessidades e limites das parceiras. É muito comum os adolescentes do sexo masculino, preocupados exclusivamente com seu próprio prazer, não aceitarem o uso da camisinha (costumam dizer: “é como chupar bala sem tirar o papel”), e a garota, com medo de perder o rapaz, acaba cedendo, se submetendo. Em síntese, enfrentar o problema da gravidez na adolescência pressupõe informações, mas também, necessariamente, um trabalho formativo, no contexto familiar e escolar, na perspectiva da valorização do sujeito, da elevação da auto-estima das crianças e jovens, da construção da autonomia, da construção de valores de solidariedade, de respeito mútuo, etc. E esta formação não pode se basear em discursos moralistas, mas em exemplos e em vivências coerentes com estes pressupostos.

Vale ressaltar que tais causas estão associadas à própria construção da identidade feminina. Como já foi colocado anteriormente, existe uma diferença quanto à educação dada aos meninos e às meninas. Desse modo, no que diz respeito ao papel social que cada um deve desempenhar enquanto adulto, percebe-se que a mulher só é educada e orientada para ser mãe e esposa, não devendo assim, exercer alguma atividade social, um trabalho remunerado, pois isso cabe somente aos homens.

A representação que a sociedade tem da mulher é de um ser biológico, embora a mulher se perceba num caminho que transcende esse biológico. A “linearidade” biológica segue as seguintes fases: *Chegada da menarca*, a qual conclui a fase de menina e da participação das

atividades domésticas; *mocinha*, onde há uma preparação mais intensa para a vida adulta através de constante participação dos afazeres domésticos e a inclusão do cuidado dos irmãos mais novos; *mulher*, quando ocorre a primeira relação sexual e a conseqüente gravidez, completando o seu caminho.

Além dessa linearidade biológica, outros fatores influenciam na construção da identidade feminina, como: *a igreja*, que tem o seu papel fundamental na manutenção dos valores e atitudes empregados pelos pais na educação das filhas. Esta manutenção se dá através da “pregação da virgindade, da fidelidade, da castidade, da virtude e da submissão” (OLIVEIRA, 1998, p.59); *a mídia*, na qual a mulher é vista como uma mercadoria a ser consumida, além de referir-se não somente a qualquer mulher, mas àquela que tem um determinado padrão de beleza.

Portanto, ao se falar da construção da identidade feminina, é possível ainda identificar alguns aspectos que estão intimamente ligados às causas da gravidez na adolescência. Um deles é a *ausência de laços afetivos com os pais* e isso ocorre geralmente devido à forma como a adolescente é educada (repressiva, com imposições de valores morais), sem nenhuma orientação quanto à fase na qual se encontra, à falta de diálogo sobre sexualidade e outras questões a ela relacionadas. Isso desencadeia na falta de apoio e confiança em seus progenitores, além de outros sentimentos como o medo para com os mesmos.

Outro aspecto referente à construção da identidade feminina diz respeito ao *relacionamento com o namorado*. Para a adolescente que não encontra o apoio e confiança em seus pais, termina por fazer essa transferência ao parceiro. A depender de como é essa relação, existe ainda o temor da perda desse namorado se não for dada a “prova de amor”. Assim, a jovem termina por aceitar o rumo que as coisas vão ocorrendo, não percebendo os riscos físicos e emocionais que venham acontecer. Além disso, a gravidez pode ser uma boa forma de punir os pais pela falta de atenção que não lhe é dada e também uma forma de manter o relacionamento com o namorado. Ainda neste aspecto pode-se destacar a questão com relação aos papéis masculinos e femininos já discutidos anteriormente. Para o homem, é esperado que se tenha uma intensa prática sexual e para a mulher, nenhuma. Nesse sentido, a educação que ela recebe não é permeada de uma preparação para a vida sexual, e, por conseguinte, não é preciso que se prepare para o uso de anticoncepcionais. Já que ela deve ser submissa ao homem, é “a este que cabe decidir quando e como vai ser a relação e se haverá providências para evitar a gravidez.” (OLIVEIRA, 1998, p.62). A adolescente sente-se fragilizada, sem saber o que realmente deve fazer: ceder ou negar.

Um outro aspecto relevante e que tem sido alvo de grandes discussões nas rodas de adolescentes é com relação à *virgindade*. Muitos adolescentes (homem ou mulher) acham que a virgindade é algo ultrapassado, uma perda de tempo. Outros, no entanto, respeitam a opinião do outro. Para algumas adolescentes, manter-se virgem até o casamento é uma questão de honra para si e para a própria família.

Enfim, a gravidez na adolescência acontece devido a várias causas e outros fatores intrínsecos a estas causas, além de vários aspectos que perpassam a própria história da jovem adolescente e a educação que lhe foi (ou não) dada.

Porém, para uma adolescente que engravida, o que lhe pode acontecer? Assim como as causas, são várias as conseqüências de uma gravidez não planejada. Dentre elas, pode-se destacar:

- *Abandono escolar*: isso acontece principalmente para a adolescente que se encontra numa situação econômica desfavorável. Desse modo, para poder cuidar da criança que está por vir, é preciso desenvolver uma atividade remunerada que venha suprir todos os gastos. Isso não ocorre somente com a adolescente, mas também com o adolescente. A escola passa para um segundo plano, dando continuidade depois de alguns anos ou simplesmente abandonam-se os estudos.
- *Impacto familiar*: o impacto familiar pode acontecer de duas formas: a família pode apoiar a gravidez, ajudando a adolescente nos cuidados com o bebê e em tudo o

que é necessário: vestimenta, móveis, assistência médica; ou simplesmente a família pode rejeitar a filha, expulsá-la de casa e até mesmo obrigá-la a fazer um aborto.

- *Impacto social*: assim como ocorre na família, o impacto que uma gravidez na adolescência pode provocar na sociedade (isto também depende dos valores que esta sociedade prega) pode ser o mesmo. Geralmente, a sociedade desaprova. Isso pode ser verificado nas dificuldades encontradas por muitas adolescentes grávidas quando vão em busca de um emprego ou de se manter em um emprego.
- *Aborto*: uma das conseqüências mais graves, pois põe em risco a vida da adolescente. A decisão sobre o aborto também tem as suas causas: a falta de condições financeiras de dar prosseguimento à gravidez e a criação do bebê, o impacto que esta gravidez poderá provocar nos pais (do rapaz ou da moça), a preocupação da(o) adolescente com relação ao impedimento que a gravidez poderá ocasionar em seu projeto de futuro, etc. Como já foi colocado, põe em risco a vida da adolescente e também do bebê, caso este ainda sobreviva ao método abortivo utilizado.

Uma gravidez, quando indesejada, sobretudo quando ocorre na adolescência, pode alterar muito a vida dos indivíduos envolvidos. Por mais que se discuta o problema da gravidez na adolescência, por mais que as informações venham de todos os lados (mídia, livros, internet), ainda é preciso pensar um meio pelo qual não simplesmente venha informar, mas orientar, escutar o adolescente, esclarecer suas dúvidas, etc.

EDUCAÇÃO SEXUAL NECESSÁRIA: O PAPEL DA ESCOLA

O problema da gravidez na adolescência, pelo que foi possível constatar, não é devido exclusivamente à falta de informações. Mas de onde deve vir essas informações? Da família? Dos meios de comunicações? Da escola? Onde o adolescente pode encontrar meios para satisfazer suas curiosidades, ajudando-o em suas angústias e conflitos?

A sexualidade deve ser discutida no seio familiar, mas deve estar inserida na proposta curricular da escola, já que esta muitas vezes é a única fonte de informações para o adolescente cujos pais não propiciam um diálogo ou simplesmente se omitem quanto à orientação sexual de seus filhos, transferindo assim toda a sua responsabilidade para a escola.

Sabe-se que a sexualidade dentro do ambiente escolar expressa-se de várias formas: desde desenhos que reproduzem o ato sexual em cadernos, paredes de banheiros, até as conversas dos alunos que se encontram no “auge” da adolescência. É possível perceber que a sexualidade é entendida somente como a relação sexual e não algo “inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte.” (MEC/SEF, 1998, p. 287). A sexualidade não é vista como um aspecto ligado ao prazer, aos valores e crenças, bem como o cuidado do corpo.

É nesse sentido que se faz necessária uma educação sexual que não enfatize somente o aspecto biológico do ser humano, as transformações corporais que ocorrem na puberdade, mas que a escola procure abordar os aspectos (prazer, valores, etc) que envolvem a sexualidade e os outros temas a ela relacionados (gravidez na adolescência, DSTs, métodos anticoncepcionais).

Desse modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ao apresentar os temas transversais, orientam os educadores dando-lhes subsídios na prática de uma educação sexual que vise não somente informar, mas formar e orientar o aluno a respeito das questões que rodeiam a sua sexualidade. A discussão desse tema não deve somente estar focalizada numa única disciplina (Ciências Biológicas), mas em todas as outras, cada uma dando a sua contribuição de forma a oferecer ao aluno uma visão mais ampla sobre o tema.

Sendo assim, segundo o PCN em seus temas transversais e segundo Carretero e Cascón (1995), Palácios (1995) e Oliveira (1998) são estes os aspectos que precisam ser abordados dentro do currículo escolar:

- *Conhecimento do corpo*: imprescindível para o adolescente que ainda não conhece seu corpo, permite que tenha informações sobre a anatomia e o funcionamento. Mas é preciso que se vá, além disso: é necessária a compreensão de valorizar e cuidar da saúde, pois esta é uma condição necessária no prazer sexual.
- *Reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino*: isso permite ao sujeito fazer uma reflexão sobre os papéis do homem e da mulher, com relação à sexualidade, no que diz respeito à tão questionada submissão da mulher ao homem, ao poder que este tem sobre ela. A reflexão permite perceber como a cultura influencia nos valores de cada sociedade e de que forma pode-se (quem sabe!) interferir nessa concepção.
- *Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro*: o respeito ao sentimento alheio, assim como a expressão de sentimentos, é uma peça chave na boa convivência com os outros. É necessário levar o adolescente a compreender que cada um possui a sua individualidade e os seus desejos.
- *Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano*: este aspecto é bastante relevante, sobretudo, quando for discutida a questão do homossexualismo. É necessário que o sujeito venha a refletir sobre a individualidade de cada um, sobre o que faz o outro se sentir bem, e conseqüentemente na compreensão de que cada um tem uma forma de manifestar a sua sexualidade.
- *Proteger-se de relacionamentos coercitivos ou exploradores*: nesse aspecto, geralmente é a jovem adolescente que passa por estas situações. É preciso que ela saiba como agir quando isso ocorrer: sabendo dizer “não” nos momentos em que ela não se sente à vontade ou preparada para uma situação mais íntima.
- *Procurar orientação para a adoção de métodos contraceptivos*: para a adolescente que tem a pretensão de iniciar sua vida sexual e que não queira engravidar, é indispensável a busca de meios que previnam uma gravidez indesejada. Essa preocupação não deve ser somente da adolescente, mas também do seu parceiro.
- *Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, ao iniciar relacionamento sexual*: tal atitude está ligada à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Tal postura permite ao jovem cuidar do seu bem-estar físico, bem como do bem-estar do outro.
- *Desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade*: em todo o trabalho de orientação sexual, este aspecto deve estar inserido durante todo o processo. É extremamente relevante a reflexão e a criticidade do adolescente perante os temas que envolvem a sexualidade, bem como a postura que deve possuir diante de fatos reais que também envolvem este tema.

Um trabalho de orientação sexual que enfatize essas questões permite que o adolescente tenha uma compreensão do que vem a ser a sexualidade, além de um maior conhecimento sobre o seu próprio corpo e da consciência crítica com relação à temática. Vale enfatizar a importância que tais questões proporcionam na elevação da auto-estima do sujeito, pois através do entendimento de que cada um é único e de que por isso possui suas individualidades, desejos e sentimentos, o sujeito saberá respeitar o outro da forma como ele é. Quando a escola trabalha

dessa forma, além da participação que a família tem nesse processo, é possível que vários problemas, dentre eles a gravidez na adolescência, venham gradativamente a diminuir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravidez na adolescência vista como um grande problema que vem crescendo nos últimos tempos, é fruto também de outros problemas como a ausência de diálogo com os pais, a falta de informação que complementa aquela dada (quando é dada) pela família.

Uma educação sexual necessária é aquela que não apenas informa, mas aquela que forma, que orienta, que busca ajudar o adolescente em todas as suas inquietações, dúvidas, curiosidades. É uma educação que busque levar o sujeito a refletir sobre a sua relação consigo mesmo e com o outro, bem como sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade. Na perspectiva da superação dos papéis pregados por uma cultura machista, na qual a mulher deve exercer as atividades domésticas e da afirmação da mulher como um ser ativo na sociedade.

Quando estes valores estão corretamente inseridos na educação familiar e na educação escolar, é possível que o jovem adolescente sintam-se satisfeito em suas inquietações.

É necessário, no entanto, que os educadores estejam preparados para trabalharem com todos estes aspectos na sala-de-aula. Para tanto, é preciso que se derrubem todas as barreiras que impedem o desenvolvimento de sua prática: os tabus, a vergonha, a insegurança, os mitos e preconceitos.

Nesse sentido, para um professor que deseje trabalhar o tema Sexualidade, é necessário que este também trabalhe a sua sexualidade. Para que isso aconteça é imprescindível que haja um treinamento que venha a capacitá-lo a atender os anseios dos alunos.

A escola, no que diz respeito a sua função social, possui um grande compromisso com a formação de uma postura crítica e não somente com a preocupação de transmitir conhecimento intelectual. É indispensável que a escola tenha um planejamento pedagógico voltado para a reflexão, à formação do pensamento crítico do sujeito, para que este saiba como agir na resolução dos problemas cotidianos.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. (et al). **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: ed. Saraiva, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DORIN, L. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Ed. Do Brasil, 1978.

CARRETERO, M; CASCÓN, J. A. L. Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem na Adolescência. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 1. p. 273 – 287.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 1. p. 263 – 272.

OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 45, jul., 1998, p. 48 – 70.

TIBA, I. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 1994.